

RESUMOS

S. Francisco Xavier e a Companhia de Jesus na Índia

Este artigo investiga demoradamente as principais condições e actividades dos primeiros jesuítas em trabalho religioso na Índia sob a direcção e inspiração de S. Francisco Xavier (1506-1552). Estudando o contexto local que, do social ao religioso, enquadrava a entrada da Companhia na Índia, destaca as suas dificuldades em penetrar culturas e sociedades locais. Por isso, os jesuítas tendem a instalar-se sobretudo nos enclaves coloniais de “soberania” ou movimentação comercial portuguesa, assim se gerando uma associação estreita entre poder colonial e missão. Com efeito, as actividades da Companhia de Jesus na Índia não podem ser perspectivadas exteriormente ao apoio régio e das autoridades coloniais portuguesas do chamado “Estado da Índia” e, sempre que se movimentam noutros territórios, sobretudo de expressão maioritária hindu, tendem a especializar uma missão verticalista a partir da protecção, apoio e conversão dos poderes territoriais e estamentais “indianos”. Ao mesmo tempo, a Companhia de Jesus foi criando ela própria o seu poder que, do económico ao sagrado, se procura iluminar nas suas estruturas mais marcantes. Tudo isto, porém, não pode impedir reconhecer-se que a chegada à Índia de S. Francisco Xavier, em 1542, e dos primeiros jesuítas gerou uma nova dinâmica missionária e religiosa que, apesar de não ter alterado substancialmente as estruturas religiosas consuetudinárias, se tornou em factor de renovação das movimentações do catolicismo tridentino e em forte elemento de apoio à lenta construção de enclaves coloniais de que o território de Goa se tornaria paradigma maior. [Autor: Maria de Deus Beites Manso, pp. 12-33]

S. Francisco Xavier no Sudeste Asiático. Evangelização, Solidão e Obras de Misericórdia

Este estudo concentra-se nas actividades religiosas desenvolvidas por S. Francisco

Xavier no Sudeste Asiático, entre 1545 e 1552. Procura-se reconstruir com rigor o vocabulário utilizado pelo jesuíta para perspectivar a sua circulação religiosa e, a partir dele, tenta-se perceber como enfrentou a diversidade cultural destes espaços asiáticos e como cruzou os enclaves portugueses que se distribuíam por algumas fortalezas entre Malaca e Ternate. Uma atenção particular dirige-se para a associação entre a pregação religiosa e moral de Xavier e a rede de Misericórdias portuguesas, nas quais o jesuíta navarro parece ter encontrado um dos poderes fundamentais capazes de apoiar e potenciar os seus projectos evangelizadores. [Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 34-52]

S. Francisco Xavier e os Jesuítas em Ambon (1546-1580)

Os nomes das actuais aldeias cristãs das ilhas de Ambon, Haruku, Saparua e Nusalaui são muito semelhantes aos nomes das aldeias cristãs mencionados aqui e ali nas cartas e relatórios dos jesuítas portugueses que visitaram essas ilhas durante a primeira metade do século XVI. O mesmo se passa com as aldeias muçulmanas dessas ilhas. É como se, durante os cerca de 300 anos de presença holandesa nessas ilhas, não tivessem ocorrido alterações fundamentais na distribuição entre as aldeias cristãs e as aldeias muçulmanas. Este facto torna-se mais interessante por ter acontecido numa altura em que os muçulmanos da aldeia vizinha de Hitu atacavam continuamente as aldeias cristãs, durante a primeira metade do século XVI, enquanto que, na segunda metade desse século, barcos de guerra provenientes de Ternate atacavam incessantemente essas mesmas aldeias e as fortalezas portuguesas. No intervalo dos conflitos, os jesuítas portugueses conseguiram estabelecer uma área sociogeográfica nas ilhas de Ambon-Lease, cujos habitantes eram (e são) cristãos, enquanto que os muçulmanos, em geral, conseguiram manter as suas aldeias intactas. Uma configuração sociogeográfica idêntica nunca se concretizou no Norte

das Molucas onde os portugueses concentraram o seu comércio, armada e política. O porquê disto acontecer em Ambon-Lease constitui o tópico deste documento.

[Autor: Richard Z. Leirissa, pp. 53-63]

As Cartas da China de S. Francisco Xavier (1552)

Este estudo publica as últimas oito cartas escritas por S. Francisco Xavier na ilha de Sanchoão entre 21 de Outubro e 13 de Novembro de 1552, antes da sua doença e falecimento. São documentos de excepção importância que perspectivam o difícil projecto xaveriano de entrar clandestinamente na China para iniciar a sua evangelização cristã. Ao mesmo tempo, as cartas preocupam-se com vários problemas e temas da circulação dos jesuítas nos enclaves coloniais portugueses na Ásia, destacando ainda a conflitualidade política que, nos meses antecedendo a partida de Francisco Xavier para a ilha do sul da China, opuseram duramente o jesuíta ao poderoso capitão do mar de Malaca, D. Álvaro de Ataíde da Gama. [Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 64-79]

Manuel Teixeira, a Historiografia sobre S. Francisco Xavier e o Tema da Chegada do Seu Corpo a Goa

O estudo da chegada do corpo de S. Francisco Xavier a Goa em 16 de Março de 1554, o qual havia sido trazido na véspera por uma delegação de jesuítas dirigida por Belchior Nunes Barreto, acompanhada pelo leigo Fernão Mendes Pinto, levou-nos à abordagem do conjunto da antiga historiografia portuguesa consagrada à “santa memória” do padre-mestre Francisco Xavier, com realce para a *Vida do bem-aventurado padre Francisco Xavier*, escrita em 1579 pelo jesuíta Manuel Teixeira. Esta obra constitui a primeira biografia do santo, tendo o seu autor estado presente no acontecimento acima mencionado. Tal trabalho, que permanece praticamente desconhecido, deve ser valorizado,

RESUMOS

tanto mais que influenciou, entre outros, os dois cronistas portugueses da Companhia de Jesus que mais se destacaram como biógrafos/hagiógrafos de S. Francisco Xavier: João de Lucena e Sebastião Gonçalves, cujas obras datam respectivamente de 1600 e 1614. Manuel Teixeira revelou-se um autor bem documentado na sua arrebatadora narrativa edificante que exalta a dimensão religiosa e humana de S. Francisco Xavier, mas queremos também salientar que pouco antes do seu livro ter sido escrito já Fernão Mendes Pinto dera na *Peregrinação* contributos importantes para a divulgação de histórias daquele que foi um dos “heróis” imortalizados na sua genial criação, a qual teve largo impacto desde que foi descoberta pelos jesuítas ainda antes de ser impressa em 1614. As questões que os trabalhos historiográficos aqui referenciados colocam são passadas em revista, aproveitando-se o ensejo para equacionar algumas questões relativas à iconografia xaveriana.

[Autor: José Manuel Garcia, pp. 80-99]

Entre a Hagiografia e a Crónica. *A História da Vida do Padre Francisco de Xavier de João de Lucena*

Uma das mais importantes obras hagiográficas e cronísticas sobre S. Francisco Xavier deve-se a João de Lucena, publicando em 1600 a *História da Vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na Índia os mais Religiosos da Companhia de Iesu*. Este estudo procura investigar a vida e esta obra monumental de João de Lucena, destacando as suas fontes, contexto histórico e principais estratégias hagiográficas, largamente centradas na celebração do projecto xavieriano de conversão católica do império chinês.

[Autor: Jorge Gonçalves Guimarães, pp. 100-112]

A Construção Hagiográfica de S. Francisco Xavier e a Ideologia Missionária Portuguesa na Ásia

Neste estudo, cruzam-se duas obras e autores referenciais para a reconstrução

contemporânea tanto de uma história/historiografia das missões portuguesas na Ásia quanto de um projecto missionário ao serviço da circulação colonial portuguesa: os padres António da Silva Rego e António Lourenço Farinha compilaram documentação, difundiram estudos, destacaram-se em polémicas e produziram alguns dos títulos mais referenciais sobre a história missionária oriental portuguesa. Devemos mesmo a Silva Rego alguns dos trabalhos mais importantes que estruturaram uma verdadeira teoria missionológica e enformam uma ideologia missionária colonial contemporânea, enquanto a Lourenço Farinha devemos um criterioso estudo sobre o herói maior e padroeiro primeiro da missão portuguesa na Ásia, S. Francisco Xavier (1506-1552).

[Autor: José Madeira, pp. 113-123]

Entre Xavier e Valignano. *A Missão do Padre António Vaz*

Português natural de Leiria, António Vaz entrou na Companhia de Jesus em Goa, em 1548. Foi o padre-mestre Francisco Xavier quem lhe deu grande apoio em momento de grave vacilação. Recebeu então o sacerdócio em 1551. Parte depois para Ormuz e regressa três anos mais tarde, para ingressar na missão das Molucas. Aqui veio a ter um desentendimento com o seu companheiro, Pe. Afonso de Castro, que o expulsou da família de Santo Inácio. Contudo, o Pe. Vaz conseguiu a amizade do capitão português, Duarte d'Eça, e do povo de Ternate, e durante três anos (1556-58) substituiu o vigário recentemente falecido. Por outra parte, com grande diplomacia, Vaz consegue cristianizar e baptizar o rei de Bachão, os seus familiares e muita gente do povo. Tendo, entretanto, regressado à Índia, em 1559 veio a ser readmitido na Companhia de Jesus. Foi então missionar para Damão e em 1573 chega a Macau. Aqui preside à missão dos Jesuítas e dirige a primeira escola, criada pelo visitador Gonçalo Álvares. Após visitar Cantão durante várias semanas, Vaz regressa à Índia, em 1575.

É enviado então para dirigir as missões de Bengala e de S. Tomé de Meliapor. Veio a falecer por volta de 1600, em Goa, contando 50 anos de fecundo apostolado.

[Autor: António Rodrigues Baptista, pp. 124-133]

Kirishitan Bunko: **Alessandro Valignano e a Imprensa Cristã do Japão**

Embora os jesuítas da missão japonesa desde cedo utilizassem diversas estratégias textuais no trabalho missionário, a primeira visita de Alessandro Valignano ao Japão (1579-1582) foi essencial para a definição de uma política missionária mais adequada às realidades nipónicas. Depois da partida do visitador, as práticas adaptacionistas, sobretudo no domínio do estudo da língua e da cultura japonesas, começam a tornar-se dominantes, e mesmo institucionais, entre os jesuítas que desenvolviam actividades no arquipélago nipónico. Uma das componentes mais interessantes da estratégia jesuíta no Japão foi a produção de obras em língua japonesa, muitas das quais seriam impressas por intermédio de um parque tipográfico importado da Europa, precisamente a instâncias de Valignano.

[Autor: Rui Manuel Loureiro, pp. 134-153]

Terra, Costumes e Ritos Chineses segundo a *Historia del Principio y Progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales* de Alessandro Valignano

A *Iª Parte de la Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales* (1583) do padre Alessandro Valignano, S. J. caracteriza-se por ter sido uma das primeiras crónicas sobre as Missões jesuítas no Oriente. O respectivo manuscrito foi enviado para a Europa logo no ano seguinte, tendo permanecido inédito até 1944. O texto está centrado no relato dos acontecimentos referentes ao período de administração de S. Francisco Xavier (1542-1552), mas inclui também uma

ABSTRACTS

descrição circunstanciada sobre as realidades materiais, humanas, políticas e religiosas da China. Neste artigo, dissecamos a complexa construção intertextual deste autêntico tratado geo-antropológico sobre a China composto por Valignano, identificando as principais fontes ocidentais e chinesas nas quais o autor se apoiou. Simultaneamente, tratamos de relacionar o contexto específico que esteve na génese deste escrito com a nova estratégia jesuíta para a China traçada pelo próprio Valignano a partir de 1578 e consumada com a chegada a Macau de Michele Ruggieri (1579) e Matteo Ricci (1582). [Autor: Francisco Roque de Oliveira, pp. 154-170]

A *Apologia* de Valignano e a Defesa do Padroado e dos Direitos da Coroa Portuguesa na Ásia Oriental

A *Apologia*, escrita por Valignano entre 1597 e 1598, como documento de polémica entre jesuítas e franciscanos, é revelador dos argumentos associados aos direitos da presença das coroas ibéricas na Ásia Oriental. Segundo a argumentação franciscana, o direito à presença do Padroado castelhano no Japão, decorria da legitimidade da coroa castelhana em legislar sobre matérias religiosas, o que anulava o breve *Ex pastoralis officio* (1585) de Gregório XIII. Para Valignano, a Santa Sé nunca poderia abdicar de legislar sobre temas relativos à evangelização. A legitimidade do breve de Gregório XIII era tanto maior, na medida em que, através do exclusivo da presença jesuíta, a Igreja encontrava o modo mais adequado de se implantar em território nipónico. Deste modo, a análise do debate em torno dos direitos luso-castelhanos na Ásia Oriental, neste âmbito da rivalidade entre ordens religiosas, terá sempre que ter em consideração a sua inserção em duas concepções distintas de Igreja e de evangelização. [Autor: Pedro Lage Correia, pp. 171-188]